

**GENE WOLFE**

---

**A GARRA**

**DO**

**CONCILIADOR**

*O LIVRO DO NOVO SOL VOLUME 2*

Amostra

Amostra

**GENE WOLFE**

---

**A GARRA  
DO  
CONCILIADOR**

*O LIVRO DO NOVO SOL VOLUME 2*

Tradução  
Fábio Fernandes



MORROBRANCO  
EDITORA

# A Garra do Conciliador

Copyright © 2025 MORRO BRANCO

MORRO BRANCO é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 1981 GENE WOLFE

ISBN: 978-65-6099-042-5

*Translated from original The claw of the conciliator. Copyright © 1981 by Gene Wolfe. ISBN 978-0-09-927470-4. This translation is published and sold by arrangement with Virginia Kidd Agency Inc., the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2025 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.*

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

W853g  
1.ed. Wolfe, Gene, 1931-2019  
A garra do conciliador / Gene Wolfe ; tradução Fábio Fernandes. - 1.ed. - Rio de Janeiro : Morro Branco, 2025.  
368 p. ; 13,5 x 21 cm. - (O livro do novo sol ; 2)

Título original: The claw of the conciliator.  
ISBN 978-65-6099-042-5

1. Ficção de fantasia. I. Fernandes, Fábio.  
I. Título. II. Série.

04-2025/184 CDD 813.5

**Índice para catálogo sistemático:**  
1. Ficção de fantasia : Literatura norte-americana 813.5  
**Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129**

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

**Produção Editorial:** Grupo Editorial Alta Books

**Diretor Editorial:** Anderson Vieira

**Vendas Governamentais:** Cristiane Mutüs

**Gerência Comercial:** Claudio Lima

**Coordenadora Editorial:** Illyabelle Trajano

**Produtora Editorial:** Luana Maura

**Tradução & Paratexto:** Fábio Fernandes

**Copidesque:** Rafael Surgek

**Revisão:** Louise Branquinho

**Diagramação:** Diego Santos



# A GARRA DO CONCILIADOR

MAS A FORÇA AINDA ESVAI DE SEUS ESPINHOS,  
E DOS SEUS ABISMOS O SOM DA MÚSICA.  
SUAS SOMBRAS REPOUSAM NO MEU CORAÇÃO COMO ROSAS  
E SUAS NOITES SÃO COMO VINHO FORTE.

# ← SUMÁRIO →

|   |     |    |
|---|-----|----|
| A GARRA DO CONCILIADOR                    |     |    |
| A JORNADA DO HERÓI MÍTICO SE ADENSA       |     | 08 |
| I. A ALDEIA DE SALTUS                     | 14  |    |
| II. O HOMEM NAS TREVAS                    | 23  |    |
| III. A TENDA DO APRESENTADOR              | 32  |    |
| IV. O BUQUÊ                               | 42  |    |
| V. ALÉM DO RIACHO                         | 54  |    |
| VI. LUZ AZUL                              | 63  |    |
| VII. Os ASSASSINOS                        | 73  |    |
| VIII. Os CULTERLLARII                     | 83  |    |
| IX. O SUSERANO DAS FOLHAS                 | 93  |    |
| X. THEA                                   | 102 |    |
| XI. THECLA                                | 114 |    |
| XII. Os NOTULOS                           | 125 |    |
| XIII. A GARRA DO CONCILIADOR              | 134 |    |
| XIV. A ANTECÂMARA                         | 143 |    |
| XV. FOGO DE TOLO                          | 152 |    |
| XVI. JONAS                                | 161 |    |
| XVII. A HISTÓRIA DO ESTUDANTE E SEU FILHO | 173 |    |
| XVIII. ESPELHOS                           | 194 |    |

|  |     |
|--|-----|
| XIX. ARMÁRIOS                                      | 205 |
| XX. RETRATOS                                       | 213 |
| XXI. HIDROMANCIA                                   | 223 |
| XXII. PERSONIFICAÇÕES                              | 233 |
| XXIII. JOLENTA                                     | 245 |
| XXIV. A PEÇA DO DR. TALOS:<br>ESCATOLOGIA E GÊNESE | 254 |
| XXV. O ATAQUE AOS HIERÓDULOS                       | 292 |
| XXVI. A SEPARAÇÃO                                  | 300 |
| XXVII. RUMO A THRAX                                | 312 |
| XXVIII. A ODALISCA DE ABAIA                        | 320 |
| XXIX. OS VAQUEIROS                                 | 329 |
| XXX. O TEXUGO MAIS UMA VEZ                         | 338 |
| XXXI. A PURIFICAÇÃO                                | 348 |
| APÊNDICE   |     |
| RELAÇÕES SOCIAIS NA COMUNIDADE                     | 361 |
| DINHEIRO, MEDIDAS E TEMPO                          | 364 |
| SOBRE O AUTOR                                      | 366 |

# A GARRA DO CONCILIADOR:

## A JORNADA DO HERÓI MÍTICO SE ADENSA

Fábio Fernandes

Se eu tivesse que descrever agora o que senti ao ler *A Sombra do Torturador* em uma palavra, seria “incerteza”. No momento, posso recordar a preocupação, até mesmo a angústia, que senti pelo futuro do jovem aprendiz na minha primeira leitura, embora tenha ficado claro desde o início que ele se tornará, de alguma forma, o governante supremo de Urth – o Autarca – muitos anos depois do começo da história. Mas logo fui capturado pelo ritmo de sua narrativa, a ponto de me esquecer da maior parte do que sei sobre o enredo geral e de começar a sentir aquela ansiedade novamente.

E é uma sensação boa essa, de reler um livro depois de muitos anos. Pois senti uma renovada sensação de admiração ao ler a abertura da série. E experimentei o mesmo belo estranhamento cognitivo com o segundo romance, *A Garra do Conciliador*.

*A Sombra do Torturador* termina no que poderíamos chamar de um momento de angústia, mesmo que não seja bem isso. Poderíamos facilmente chamá-lo de passagem, ou portal, porque a trupe de artistas chega ao Portão Desditoso justamente quando o primeiro volume termina. A segunda página de *A Garra do Conciliador* ainda nos dá a figura de linguagem adequada para ilustrar isso:

*“Tão poderosa estrutura era a Muralha que ela dividia o mundo como a mera linha entre as capas divide dois livros (...)”*

E é exatamente isso que o leitor testemunha: não apenas a passagem de um portão, mas simultaneamente chegar ao final de um livro e ao início de outro. Como se vê, as referências não estão somente nos personagens, mas também na tessitura narrativa, onde as metáforas tangenciam o metalinguístico. Mas

essa é a natureza das fábulas, por exemplo. Autores como Hermann Hesse e Ítalo Calvino adentraram o mesmo território, com respectivamente *Histórias Medievais* e *Fábulas Italianas*; a diferença é que Gene Wolfe usa um estilo semelhante, mas para descrever fábulas do futuro. As palavras arcaicas (inteligentemente misturadas a uns poucos neologismos) dão conta de um mundo que parece em quase tudo ser antigo – porém com dispositivos de alta tecnologia que ainda não existem em nossa época, e criaturas que parecem mitológicas, mas que o próprio Severian explica terem vindo de outros planetas.

O *estranhamento*, estratégia narrativa criada pelo formalista russo Roman Jakobson e aperfeiçoada pelo filósofo canadense Darko Suvin na forma do *estranhamento cognitivo*, permite que entendamos a narrativa wolfeana como pertencente ao campo fantástico no que ele tem de mais radical (no sentido de raiz): a fábula.

Por exemplo, uma das passagens mais marcantes do livro (e é difícil escolher apenas uma dentre tantas) é o momento em que Severian encontra o Homem Verde. Essa figura não é invenção de Wolfe: o Homem Verde está presente na mitologia e no folclore de vários países, em particular na Inglaterra, desde a narrativa arturiana de *Sir Gawain e o Cavaleiro Verde*, romance escrito no final do século XIV, até romances contemporâneos, como a série de fantasia urbana *Green Man*, de Juliet E. McKenna. Segundo o *Oxford Dictionary of English Folklore*, o mito do Homem Verde tem origem na arte romana tardia, a partir de máscaras de folhas usadas para representar deuses e figuras mitológicas. Um personagem superficialmente semelhante ao Homem Verde, na forma de uma máscara parcialmente coberta de folhas e cercada por figuras relacionadas ao deus Baco, aparece no centro de uma bandeja de prata do século IV, no Tesouro de Mildenhall, encontrado em um sítio arqueológico romano em Suffolk, Inglaterra.

O Homem Verde é identificado como a primavera e o renascimento da vida vegetal. Na nova mitologia de Wolfe, essa criatura é apenas um humano, mas não como nós, e sim um *pós-humano*: alguém que veio de um futuro ainda mais distante que o de Severian, onde aparentemente o sol voltou a ter força e as pessoas sofreram algum tipo de manipulação genética que as permite se alimentarem da própria luz solar:

*“— A cor verde que tanto intriga o seu povo é apenas o que você chama de espuma de lagoa. Nós a alteramos até que ela possa viver em nosso sangue, e por sua intervenção, finalmente trouxe a paz na longa luta da humanidade contra o sol. Em nós, as pequenas plantas vivem e morrem, e nossos corpos se alimentam delas e de seus mortos, e não necessitam de outro alimento. Todas as fomes e todo o labor do cultivo de alimentos acabaram.*

*— Mas vocês devem ter sol.*

*— Sim — disse o homem verde. — E aqui eu não tenho o suficiente. O dia é mais brilhante na minha época.”*

Ele pede então que Severian o liberte, caso contrário, morrerá naquele mundo de sol vermelho e fraco. Ao ser libertado, o Homem Verde utiliza algo chamado de Corredores do Tempo para voltar à sua época. O leitor não é capaz de visualizar esses corredores, mas ao longo deste e de outros volumes, testemunharemos seu uso por outros seres que cruzam o caminho de Severian.

O Homem Verde é apenas uma das mitologias que Gene Wolfe recria no seu futuro estranho do Novo Sol. Aqui ele também prenuncia um subgênero que vem fazendo sucesso nos últimos anos, o *solarpunk*, que se concentra na criação de futuros sustentáveis, quase sempre utópicos, mas muitas vezes com um pouco de distopia junto, como é o caso de *The Wind-Up Girl*, de Paolo Bacigalupi, e *Nova York 2140*, de Kim Stanley Robinson.

Mas e a Garra do Conciliador? Qual o seu papel no grande esquema das coisas?

A Garra foi roubada por Ágia, que acompanhou Severian em parte de suas aventuras, era um objeto de culto das pelerinas, irmandade religiosa de mulheres que esperam pela volta do Conciliador. Nada sabemos sobre essa figura, mas as andanças de Severian acabarão nos revelando muito sobre a relíquia, como no episódio dos notulos, criaturas alienígenas que matam um soldado. Severian aproxima a Garra dele e o reanima, sem saber se o homem estava morto (ele achava que sim) ou apenas desacordado. Outros episódios desse tipo acontecem ao longo deste livro, e em alguns, a Garra emite um brilho azul intenso e opera milagres, como curas e ressurreições.

Mas será essa relíquia milagrosa mesmo ou talvez um artefato futurista de poder inimaginável? Não temos uma resposta imediata para isso.

Gene Wolfe era católico praticante, e embora não fosse proselitista, daqueles que procuram converter os leitores à sua religião, ele gostava de trabalhar imagens cristãs, sejam relacionadas ao próprio Cristo ou então à Igreja Católica. E talvez aqui esteja uma dica a respeito da função da Garra, que de quebra ainda nos fornece pistas a respeito de nosso protagonista: existem pelo menos três santos católicos com o nome de Severiano. Um deles é o Santo Mártir Severiano, venerado pela Igreja Ortodoxa. Ele foi um senador de Sebaste, cidade da Armênia, por volta de 320 d.C. Foi preso e torturado a mando do governador da província, Lísias, por pregar o evangelho. Em uma das torturas, seu corpo foi rasgado – por garras de ferro.

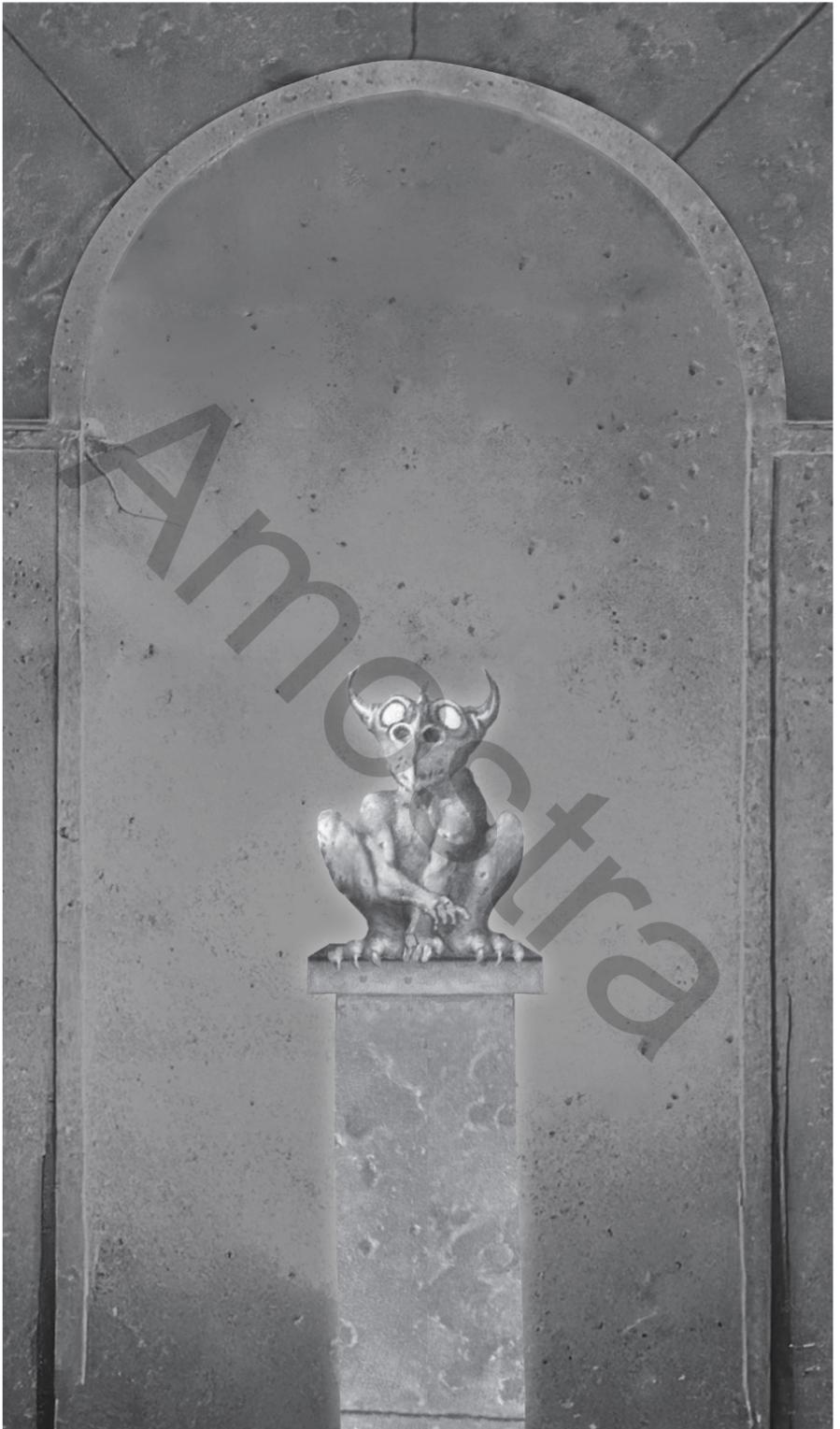
Seria um exagero vermos alguma ligação entre o fato histórico e a narrativa ficcional? Talvez; afinal, Wolfe nunca quis explicar demasiado sua escrita. Para ele, a literatura bastava.

E para nós também, embora as imagens e os nomes mencionados por ele em sua saga do futuro distante sejam sempre motivo de espanto e fascinação para seus leitores apaixonados.

Uma obra se torna um clássico não apenas pela sua antiguidade, mas também pela qualidade e variedade de estudos que surgem para melhor compreendê-la. Toda a série *O Livro do Novo Sol* foi publicada ao longo da década de 1980: *A Sombra do Torturador* foi lançado em 1980, e *A Garra do Conciliador*, em 1981. Portanto, há mais de quarenta anos. Desde então, a obra-prima de Wolfe tem sido objeto de estudo por diversos pesquisadores: Michael Andre-Driussi é um deles, com vários livros dedicados à obra do mestre, entre os quais *Lexicon Urthus*, um dicionário com verbetes referentes aos arcaísmos e neologismos encontrados ao longo dos cinco volumes da obra. Eu também contribuí para os estudos sobre *O Livro do Novo Sol*, com uma série de artigos analisando a obra, que pode ser encontrada no site estadunidense Reactor.com (em <https://reactormag.com/tag/rereading-gene-wolfe/>). E estamos longe de ser os únicos: conosco, membros de várias comunidades on-line discutem até hoje diferentes aspectos dessa obra, contribuindo com ensaios e livros a respeito dela.

Porque o bom de uma obra como *O Livro do Novo Sol* é que ela se presta a múltiplas leituras. Que esta, leitor ou leitora, seja apenas a sua primeira.

*Fábio Fernandes é jornalista, escritor e pesquisador. Traduziu mais de 120 livros e HQs, entre os quais Salmo Para um Robô Peregrino e A Biblioteca do Monte Char, ambos pela Morro Branco. É líder do grupo de pesquisa Observatório do Futuro, da PUC-SP, onde investiga narrativas de ficção científica e seu impacto no mundo real. Seu livro mais recente é o romance steampunk O Torneio de Sombras (AVEC Editora).*



## A ALDEIA DE SALTUS

O rosto de Morwenna flutuava no único feixe de luz, adorável e emoldurado por cabelos negros como minha capa; o sangue de seu pescoço respingava nas pedras. Seus lábios se moviam sem fala. Em vez disso, vi enquadrados dentro deles (como se eu fosse o Incriado, espiando através de seu rasgão na Eternidade para contemplar o Mundo do Tempo) a fazenda, seu marido Stachys se revirando em agonia na cama, o pequeno Chad na lagoa, banhando seu rosto febril.

Do lado de fora, Eusébia, a acusadora de Morwenna, uivava como uma bruxa. Eu tentei alcançar as grades para mandar que ficasse quieta, e imediatamente me perdi na escuridão da cela. Quando finalmente encontrei a luz, era a estrada verde que se estendia da sombra do Portão Desditoso. O sangue jorrou da bochecha de Dorcas e, embora tanta gente gritasse e se esgoelasse, eu podia ouvi-lo caindo gota a gota no chão. Tão poderosa estrutura era a Muralha que dividia o mundo como a mera linha entre as capas divide dois livros; diante de nós agora estava uma floresta como as que podiam ter crescido desde a fundação de Urth, árvores altas como penhascos, envoltas em puro verde. Entre elas jazia a estrada,

toda tomada por grama fresca, e sobre ela estavam os corpos de homens e mulheres. Uma carriole em chamas contaminava o ar limpo com fumaça.

Cinco cavaleiros montavam destriers cujas presas em forma de gancho estavam incrustadas com lazulita. Os homens usavam capacetes e capas azul-indantreno e carregavam lanças cujas pontas queimavam com fogo azul; seus rostos eram mais parecidos uns com os outros que os rostos de irmãos. Nestes cavaleiros, a maré de viajantes quebrava como uma onda sobre um rochedo, uns virando à esquerda, outros à direita. Dorcas foi arrancada dos meus braços e eu puxei *Terminus Est* para derrubar os que se punham entre nós, e descobri que estava prestes a atacar Mestre Malrubius, que permanecia ali parado calmamente, meu cachorro Triskele ao seu lado, no meio do tumulto. Ao vê-lo assim, percebi que sonhava, e por isso sabia, mesmo enquanto dormia, que as visões que tivera dele antes não haviam sido sonhos.

Joguei as cobertas de lado. O soar do carrilhão na Torre do Sino estava em meus ouvidos. Era hora de levantar, hora de correr para a cozinha enquanto enfiava minhas roupas, hora de mexer uma panela para o irmão Cozinheiro e roubar uma salsicha — uma salsicha estourando, saborosa e quase queimada — na grelha. Hora de lavar, hora de servir os oficiais, hora de entoar lições para mim mesmo antes do exame de Mestre Palaemon.

Acordei no dormitório dos aprendizes, mas estava tudo no lugar errado: uma parede vazia onde deveria estar a porta redonda, uma janela quadrada que deveria ter sido um anteparo. A fileira de catres duros e estreitos havia desaparecido, e o teto era baixo demais.

Então acordei. Cheiros campestres — muito parecidos com os agradáveis aromas das flores e árvores que costumavam flutuar através da muralha-cortina em ruínas da necrópole,